

O “BANDO” COMO A FAMÍLIA POSSÍVEL, MAS NÃO SUBSTITUTA

Valdevino Tabajara Gomes¹

RESUMO: *Este texto discorre sobre a importância da família, a sua organização e o seu papel na vida dos menores abandonados (assim tratados na década de 30 os indivíduos de classe inferior pertencentes ao contexto social baiano). A formação do bando, presente na obra “Capitães da Areia”, que serviu como corpus discursivo da dissertação do Mestrado com o tema “O bando como a família possível: Leitura plural de ‘Capitães da Areia’ de Jorge Amado é entendida como a família possível no cotidiano desses menores, mas não uma família substituta”. O bando assume um papel de grande importância, quando aponta a tentativa de resgatar a família tradicional, desestruturada e desfeita desses menores abandonados.*

Palavras-chave: Família; Bando; Menor abandonado

É finalidade deste artigo fazer uma abordagem a respeito da formação do bando, numa visão histórico-sociológica, a fim de dar suporte às análises elaboradas sobre as questões familiares, suas implicações e a denúncia realista das condições a que estavam submetidos os menores abandonados na década de 30, em Salvador.

Com as profundas transformações ocorridas em todos os setores da vida, o conceito de família sofreu mudanças significativas e, com isso, novos sentimentos emergiram em relação à infância.

A conseqüência dessa mudança, em especial, é bastante visível na contemporaneidade. Mas por que na década de 30, ou até bem antes dela, já havia um quadro caótico em relação aos menores abandonados ou “meninos de rua”? É a partir desta interrogação que se deve aprofundar o questionamento como forma de ver as mudanças ocorridas na família de classe baixa daquela década em que a obra Capitães da Areia foi escrita. O autor mostra, de forma clara, as relações familiares ali existentes, quando apresenta o bando, mesmo desestruturado na sua formação, retratando, refletindo a importância da família na vida e na convivência dos seus componentes.

Esse bando que vive da rapina se compõe, pelo que se sabe, de um número superior a 100 crianças das mais diversas idades, indo desde os 8 anos aos 16. Crianças que, naturalmente devido ao desprezo à sua educação por pais pouco servidos de sentimentos cristãos, se entregaram no verdor dos anos a uma vida criminosa. São chamados de ‘Capitães da Areia’ porque o cais é o seu quartel-general. E tem por comandante um molecote dos seus 14 anos, que é o mais terrível de todos, não só ladrão, como já autor de um crime de ferimentos graves, praticado na tarde de ontem. (AMADO, 2001, p.3)

[...] – Ele disse que eu era um tolo e não sabia o que era brincar. Eu respondi que tinha uma bicicleta e muito brinquedo. Ele riu e disse que tinha a rua e o cais. Fiquei gostando dele, parece um desses meninos de cinema que fogem de casa para passar aventuras. (Ibid., p.3)

¹ Mestre em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador – UCSal. Professor de Língua Portuguesa das Faculdades Integradas Olga Mettig. Professor de Comunicação e Expressão Oral e Escrita da Faculdade de Tecnologia e Ciências – FTC.

Jorge Amado fotografa esses capitães da areia na ótica da sua própria realidade, mostra o comportamento dos componentes do grupo em frente da criminalidade e da marginalização. É possível que, se esses menores encontrassem no seio das suas famílias uma formação estruturada, certamente, não sairiam de suas casas nem se organizariam em bando.

Nesse sentido, a formação do bando em Capitães da Areia acontece de forma significativa, de acordo com as necessidades desses meninos que buscaram a rua como palco para apresentação do espetáculo da miséria e das necessidades pessoais. Os motivos que uniram esses menores são os mais diversos: orfandade, abandono, fuga dos abusos e maus tratos recebidos no lar e na relação com a sociedade. Assim, eles buscam uma forma de solucionar, ou melhor, amenizar seus sofrimentos e preencher o vazio que existe dentro de cada um.

Pode-se entender, então, o bando como a possível família, partindo-se do pressuposto de que uma família é constituída, sobretudo, de pessoas que têm o mesmo objetivo de convivência, compartilham o mesmo espaço no dia-a-dia, estão envolvidas pelos mesmos laços sentimentais. O seu papel fundamental é assistir, orientar e intervir nas decisões dos seus membros, protegendo-os.

No bando, há uma adoção de uns para com os outros, mesmo havendo em cada um limites individuais e uma história de vida. Nessa relação, há os acolhidos e os acolhedores, compreendidos e respeitados pela ideologia da convivência. No trecho a seguir, Jorge Amado mostra a relação afetiva entre Pedro Bala e Dora, quando esta, antes de morrer, sugere que o seu companheiro a possua, a fim de se consumar o casamento.

[...] Dora diz:

- Pedro?

- Que é?

- Chegue aqui.

Ele se aproxima. A voz dela é um fio de voz. Pedro fala com carinho:

-Tu quer alguma coisa?

- Tu gosta de mim?

- Tu bem sabe...

- Deita aqui.

Pedro deita ao seu lado [...] No entanto é uma noite de paz que envolve o trapiche. E a paz da noite está também nos olhos doentes de Dora.

- Mais perto...

Ele se Chega mais, os corpos estão juntos. Ela toma a mão dele, leva ao seu peito. Arde de febre. A mão de Pedro está sobre seu seio de menina. Ela faz com que ele a acaricie, diz:

- Tu sabe que já sou moça? [...]

Ele a olha espantado:

-Não, que tu tá doente...

- Antes de eu morrer. Vem...

Se abraçam. O desejo é abrupto e terrível. Pedro não a quer magoar, mas ela não mostra sinais de dor. Uma grande paz em todo seu ser.

- Tu é minha agora. Fala ele com voz agitada. [...] (AMADO, op cit., p.209-210)

Essa relação de convivência é marcada no romance quando Pedro Bala, na qualidade de líder do bando, representa um irmão mais velho que ama, protege e pune os mais novos ou aqueles que não obedecem às normas prescritas pelo seu líder. É função do líder orientar e comandar as ações dos menos experientes e desatentos que precisam de proteção.

E os menores, aqueles pequeninos que chegavam para o grupo cheios de receio tinham nele o mais decidido protetor. Pedro, o chefe, também gostava de ouvi-lo. E João Grande bem sabia que não era por causa da sua força que tinha a amizade do Bala. Pedro achava que o negro era bom e não se cansava de dizer:
- Tu é bom, Grande Tu é melhor que a gente. Gosto de você – e batia pancadinhas na perna do negro, que ficava encabulado. (Ibid., p. 23)

Dessa mesma forma, as ligações emotivas também são evidenciadas no companheirismo de João Grande – defensor dos mais novos do grupo nas ações, no furto e na malandragem.

No romance, fica subentendido que a falta da proteção familiar deixa uma lacuna na vida desses meninos, uma vez que a família existe para proteger os seus filhos. Na visão de Jorge Amado, esses meninos sentiram falta dessa proteção familiar e buscaram, quando criança, na figura do padre e da mãe-de-santo, o que perderam, mesmo que, mais tarde, quando adultos, saiam dessa estrutura e se disperssem, pois já não mais precisam dessa proteção.

[...] Ali estavam mais ou menos cinquenta crianças, sem pai, sem mãe, sem mestre. Tinham de si apenas a liberdade de correr as ruas. Levavam vida nem sempre fácil, arranjando o que comer e o que vestir, ora carregando uma mala, ora furtando carteiras e chapéus, ora ameaçando homens, por vezes, pedindo esmola. E o grupo era de mais de cem crianças, pois muitas outras não dormiam no trapiche. Se espalhavam nas portas dos arranha-céus, nas pontes, nos barcos virados na areia do Porto da Lenha. Nenhuma delas reclamava. Por vezes morria um de moléstia que ninguém sabia tratar. Quando calhava vir o padre José Pedro, ou a mãe-de-santo Don'Aninha ou também o Querido de Deus, o doente tinha algum remédio. Nunca, porém, era como um menino que tem sua casa. [...] (Ibid., p.38-39)

Esses menores abandonados vivem no bando, desestruturado, sentem falta da família e percebem, ainda que impotentes à situação, o valor de um lar, o valor da convivência, o valor de amar o seu próximo.

No processo de tentativa de resgate da família perdida, podem-se identificar dois aspectos: a relação fraterna e a busca da figura dos pais perdidos. O primeiro é o cuidado que não foi dispensado quando da convivência familiar. No bando, formado por elementos carentes e jogados à própria sorte, os meninos encontram cumplicidade e afetividade.

Fica, assim, entendido o valor da família, o apego, o vínculo construído na relação da convivência no bando. As relações familiares são representadas no bando de forma real, como: separação dos membros quando adultos. Professor, personagem sonhador, vai para o Rio de Janeiro estudar e transforma-se em um grande pintor. A sua saída, também, reflete no desejo de mudar a realidade de vida dos menores abandonados através da arte.

O viva apertou o coração do menino. Olhou para o trapiche. Não era como um quadro sem moldura. Era como uma moldura de inúmeros quadros. Como quadros de uma fita de cinema. Vidas de luta e de coragem. De miséria também. Uma vontade de ficar. Mas de que adiantava ficar. Se fosse poderia ser de melhor ajuda. Mostraria aquelas vidas. Apertam sua mão, o abraçam. Volta Seca está triste, tão triste como se tivesse morrido um cangaceiro do grupo de Lampião... (Ibid., p.219)

Separação pela vocação religiosa. O personagem Pirulito escuta o chamado de Deus e vai estudar para ser padre, junto com o padre José Pedro.

[...] Mas Deus chamava Pirulito. Nas noites do trapiche o menino ouvia o chamado de Deus. Era uma voz poderosa como a voz do mar, como a voz do vento que corre em torno ao casarão. Uma voz que não fala aos seus ouvidos, que fala ao seu coração. Uma voz que o chama, que o alegra e o amedronta ao mesmo tempo. Uma voz que exige tudo dele para lhe dar a felicidade de a servir. Deus o chama. E o chamado de Deus dentro de Pirulito é tão poderoso como a voz do vento, como a voz potente do mar... (Ibid., p.220)

Separação pela morte. A personagem Dora morre, e Pedro Bala transforma o seu desespero em alegria ao vê-la no céu transformada em estrela.

[...] Que importa tampouco que os astrônomos afirmem que foi um cometa que passou sobre a Bahia naquela noite? O que Pedro Bala viu foi Dora feita estrela, indo para o céu. Fora mais valente que todas as mulheres, mais valente que Rosa Palmeirão, que Maria Cabuçu. Tão valente que antes de morrer, mesmo sendo uma menina, se dera ao seu amor. Por isso virou uma estrela no céu. Uma estrela de longa cabeleira loira, uma estrela como nunca tivera nenhuma na noite de paz da Bahia.

A felicidade ilumina o rosto de Pedro Bala. Para ele veio também a paz da noite. Porque agora sabe que ela brilhará entre mil estrelas no céu sem igual da cidade negra.

O saveiro do Querido-de-Deus o recolhe. (Ibid., p.214)

Separação pela ideologia. O personagem Volta Seca vai fazer parte do grupo de Lampião.

[...] Volta Seca pensa que seu coração vai estalar de alegria. Encontrou seu padrinho, Virgolino Ferreira Lampião, herói das crianças sertanejas. Chega para junto dele, um outro cangaceiro o quer afastar mas ele diz: - Meu padim... - Quem é tu? - Sou Volta Seca, filho da tua comadre... Lampião o reconhece, sorri. Os cangaceiros estão entrando nos vagões de primeira, não são muitos, uns dez... (Ibid., p.235)

O bando começa a vivenciar o processo de separação por conta de alguns componentes já não serem mais crianças, necessitando viver de outra maneira, tentando recuperar seus sonhos através de uma nova vida.

A vida de marginalização nem sempre é eterna. Esses meninos, mesmo na convivência da rua, sem rumo e sem orientação familiar, almejam uma vida diferente daquela rotineira. Uns, como os personagens Sem-Pernas e Volta Seca, acabam vencidos pela dor da morte ou da miséria; outros, como os personagens Pedro Bala, Pirulito, o Professor, conseguem vencer as dificuldades e sofrimentos, tendo destinos diferentes: casando-se; obtendo uma profissão; seguindo caminhos políticos ou vocação espiritual e ideológica.

A convivência familiar assegura a seus membros a continuidade do seu projeto de vida, sua idealização pessoal, pois, dessa forma, há um crescimento interior e uma realização profissional.

Contudo, na maioria das vezes, o ser humano não está preparado para a quebra dessa convivência, para a quebra do vínculo familiar. Assim acontece com os capitães da areia. Eles sofrem no momento em que cada companheiro do bando segue o seu caminho, a sua jornada como se estivessem se separando da família, quebrando um elo, uma relação de convivência entre os membros familiares.

As relações familiares de fraternidade são estabelecidas através do sentimento entre os componentes do bando. É o caso de Pedro Bala e Dora, quando esta se entrega totalmente ao

grupo, participando das ações coletivas. Entre Pedro Bala e Dora, floresce o amor que é interrompido pela sua morte. “[...] Na madrugada, Pedro põe a mão na testa de Dora. Não tem mais pulso, o coração não bate mais. O seu grito atravessa o trapiche, desperta os meninos. João Grande a olha de olhos abertos [...]” (Ibid., p.210)

É visível no trecho acima uma relação de sentimento fraterno entre ambos, mas a morte é a responsável pela quebra dessa relação. O grito de Pedro Bala representa o desespero, a dor da perda da amiga, da companheira, da irmã e da mulher. Os laços sentimentais se rompem, fica a lembrança. Uma lembrança de um “ser” que se vai do seio familiar, uma perda definitiva na vida de Pedro Bala. É a quebra de uma relação familiar no bando.

[...] Em torno é a paz da morte. Nos olhos mortos de Dora, olhos de mãe, de irmã, de noiva e de esposa, há uma grande paz. Alguns meninos choram. Volta Seca e João Grande vão levar o corpo. Mas, parado ante ele, está Pedro Bala, imóvel. Volta Seca não pode estender as mãos. João Grande chora como uma mulher. Don’Aninha toma do braço de Pedro, tira-o dali e envolve o corpo de Dora numa toalha branca de rendas [...] (Ibid., p. 212, grifos do autor)

Neste trecho, está presente a força da relação familiar. Dora, mesmo morta, transmite, através do seu semblante, uma relação sentimental forte e precisa com os componentes do bando. A sua morte representa um desequilíbrio emocional na constituição familiar (bando), trazendo sensação de orfandade. Cada um representa o seu papel, a sua tristeza. As situações dos componentes do bando são diversas, mas a carência sentimental e a carência familiar são as mesmas: a dor da perda de um membro da família.

Dora significou para o bando mais que um membro da família. Ela foi a mãe, a protetora dos capitães da areia. A separação pela morte representa a partida de uma mãe e da companheira que deixa o lar, seus filhos e Pedro Bala desamparados, abandonados, sem rumo. É o que se vê na imobilidade de Pedro Bala e no desespero de João Grande, que chora com sentimento profundo. O choro de João Grande é comparado ao choro de uma mulher, pois esta, ao chorar, parece mais sensível à situação. E também mais emotiva e mais frágil diante da quebra da relação familiar, uma vez que se diz que homem não chora.

Mas essa quebra na relação familiar nos permite entender esta relação no seu significado mais autêntico. E que a marca é o amor, o sentimento existente entre os seus membros, que nem a morte é capaz de destruir. Assim, a morte de Dora transforma todo o comportamento existente no bando (família).

Esse momento representa uma quebra das relações familiares entre o Professor e os componentes do bando, mesmo tendo-se uma razão forte, uma promessa de melhoria de vida para o futuro: ajudar a mudar a realidade de vida dos seus companheiros. É o que se vê: um laço de amizade construído entre os componentes do bando. É como se a saída de um membro da família e as relações afetivas se rompessem em torno do convívio familiar, acontecendo a ruptura dos vínculos. É a redefinição de novos valores e de novos comportamentos entre os membros do bando. Isso significa dizer que é um momento de replanejamento de novas estratégias para a convivência em grupo.

Separação na morte

Para ele é este homem que corre em sua perseguição na figura dos guardas. Se o levarem, o homem rirá de novo. Não o levarão. Vêm em seus calcanhares, mas não o levarão. Pensam que ele vai parar junto ao grande elevador. Mas Sem-Pernas não pára. Sobe para o pequeno muro, volve o rosto para os guardas que ainda correm, ri com toda a força do seu ódio, cospe na cara de um que se

aproxima estendendo os braços, se atira de costas no espaço, como se fosse um trapezista de circo. (Ibid., p. 238).

O personagem Sem-Pernas, por possuir um defeito físico, sente uma revolta interior em função do seu passado cheio de sofrimentos e de rejeição da sua família e da sociedade. Aflora a carência afetiva e ele clama por amor. Descarrega todo o seu ódio do passado na sua própria vida, através do suicídio, pois prefere a morte a enfrentar o sofrimento na prisão.

Separação na convicção ideológica

Pedro Bala foi aceito na organização no mesmo dia em que João Grande embarcou como marinheiro num navio cargueiro do Lóide. No cais dá adeus ao negro, que parte para a sua primeira viagem. Mas não é um adeus como aqueles que dera aos outros que partiram antes. Não é mais um, gesto de despedida. É um gesto de saudação ao companheiro que parte:

Pedro Bala entra no trapiche... Pedro Bala entra, olha as crianças. Barandão vem para junto dele, agora tem 15 anos o negrinho... (Ibid., p. 254)

Pedro Bala olha. Estão deitados, alguns já dormem, outros conversam, fumam cigarros, riem a grande gargalhada dos Capitães da Areia. Bala reúne a todos, bota Barandão junto de si:

- Gentes, agora eu vou embora, vou deixar vocês. Vou embora, Barandão agora fica o chefe... (Ibid., p. 255).

As relações familiares entre os componentes do bando aos poucos vão se quebrando, o destino de cada um vai definindo caminhos diferentes. Há uma mudança significativa na vida de cada componente. Pedro Bala tem consciência dos seus ideais como revolucionário. Torna-se um sindicalista como seu pai, encontrando na nova vida a sua verdadeira aspiração.

Também, pode-se perceber no fragmento em análise, que não somente Pedro Bala encontrou o seu destino, a sua aspiração. Coube a João Grande concretizar o seu sonho e a sua meta de vida. Este parte num navio como marinheiro. O seu rumo, a partir desse momento, está traçado.

Observa-se, nas abordagens sobre as relações fraternais entre os componentes do bando, que cada partida representa uma perda, uma saudade. É visível a dor da separação, mas essa dor é passageira, pois se sabe que o bom futuro de cada um componente do bando depende dessas partidas e desses momentos que representam uma oportunidade de transformar o quadro crítico vivido por todos eles. Dentro de cada um existe um referencial infantil, embora mascarado pelo sofrimento do dia-a-dia.

Mas a relação de fraternidade, de cumplicidade e de cuidado continua na figura dos outros que ainda não tiveram o seu rumo definido ou outros que são expulsos de casa e procuram o bando como forma de acolhimento, como um lar tal como os outros que já se foram.

A Solidariedade

[...] Acendeu um cigarro. Andou para o trapiche. Só o Professor estava. Àquelas horas da tarde era difícil que estivesse alguém no trapiche. Professor viu quando ele entrou:

- Passa um cigarro, Boa-Vida.

Boa-Vida jogou um. Chegou no seu canto, fez uma trouxa com seus trapos. Professor ficou espiando aquele movimento:

- Tu vai embora?

Boa-Vida andou até ele com a trouxa debaixo do braço:

- Tu não diz a ninguém... Só a Bala...
- Pra onde tu vai?
- O mulato riu:
- Pro lazarento...
- Professor olhou os braços cheios de bolhas, peito.
- Tu não vai, Boa-Vida...
- Por que, mano?
- Tu sabe... É buraco na certa...
- Tu pensa que eu vou ficar aqui pra pegar nos outros?
- A gente trata de tu...
- Morria tudo. Almiro tinha casa, tá certo. Eu não tenho ninguém. (Ibid., p.148)

A convivência em grupo representa, também, a demonstração de carinho e cuidado do Professor com o personagem Boa-Vida no momento em que se descobre que este é portador de uma doença contagiosa. A relação fraternal entre os dois personagens, mesmo convivendo no mundo das necessidades, não destrói o elo de solidariedade.

[...] o Sem- Pernas pensava no Gringo quase morrendo, enquanto ele comia bem e vestia bem. Não só o Gringo estivera quase morrendo. Durante aqueles oito dias os Capitães da Areia continuaram mal vestidos, mal alimentados, dormindo sob a chuva no trapiche ou embaixo das pontes. Enquanto isso, o Sem-Pernas dormia em boa cama, comia boa comida, tinha até uma senhora que o beijava e o chamava de filho. Se sentiu como um traidor do grupo [...].(Ibid., p. 119)

As relações fraternais de solidariedade são fortes e, por vezes, difíceis de ser rompidas, mesmo quando elas significam uma forte mudança na vida desses meninos. Entre eles havia um laço familiar, uma lealdade, uma visão positiva de viver em grupo. Esse laço familiar é visível no fragmento em referência quando o personagem Sem-Pernas se sente indigno de conviver com uma família rica, gozando de privilégios, enquanto os seus irmãos e companheiros do bando não desfrutam da mesma condição. No seu íntimo prevalece o valor moral e fraternal.

Outro aspecto de tentativa para resgatar a família desestruturada em relação aos componentes do bando é a busca da figura dos pais perdidos, nessa família, quando deixaram as suas casas. Eles tentam substituir a imagem dos pais na figura do padre e da mãe-de-santo com dupla visão: a proteção da religiosidade.

Como já foi acentuado, muitos meninos que fazem parte do bando cresceram e viveram boa parte de suas vidas nas ruas, nos becos, nas praças e nas ladeiras da cidade do Salvador, mal conhecendo os seus verdadeiros pais. Na sua maioria, eram crianças fragilizadas que perderam sua identidade familiar bem cedo de diversas formas: dificuldade financeira, acidentes, doenças, assassinatos, abandono ou por fuga própria.

O amadurecimento desses meninos se deu precocemente, sem nenhuma orientação educacional e emocional. Logicamente, sem infância e pela condição restrita de sobrevivência, sem amparo, eles vêm, na figura do padre José Pedro e na figura da mãe-de-santo Don' Aninha, a possibilidade de reconstrução dessa paternidade perdida.

É evidente que, no contexto familiar, o pai e a mãe assumem um comportamento positivo e de grande relevância na educação dos filhos, não só na orientação, como também no modelo de vida, principalmente, quando se trata de crianças e adolescentes, por serem essas fases muito mais necessitadas de uma assistência e de uma orientação física e mental.

Por essa razão, os componentes do bando dos Capitães da Areia buscam consolo na imagem do padre e da mãe-de-santo tanto nos diálogos travados no cotidiano, na conscientização do bem e do mal, no amparo na hora das doenças, como também na proteção da busca espiritual.

Tanto o padre como a mãe-de-santo representam o suporte, a base para a tomada de rumo desses meninos, da mesma forma que na família constituída o pai e a mãe servem de alicerces para a educação dos filhos.

Então o padre e a mãe-de-santo estão bem inseridos nesse contexto de convivência familiar, pois sempre estão presentes na vida dos capitães da areia. Na verdade, percebe-se que estes, muito embora possuíssem uma grande vontade em ajudá-los, era muito difícil ocupar o lugar de pai e mãe desse meninos que possuíam tantas necessidades.

[...] Por vezes morria um de moléstia que ninguém sabia tratar. Quando calhava vir o padre José Pedro, ou a mãe-de-santo Don'Aninha ou também o Querido-de-Deus, o doente tinha algum remédio. Nunca, porém, era como um menino que tem sua casa [...] (Ibid., p. 38)

Por um lado, a presença do padre é marcada pela figura masculina como benfeitor. Esta não só assume a posição de sacerdócio, mas também de amigo, protetor, educador e pai dos Capitães da Areia.

O padre José Pedro é um instrumento impulsionador que tem a finalidade de resgatar os corações daquelas crianças para o amor e a espiritualidade. Sua atitude pode ser comparada a de um pai que tudo faz para proteger os seus filhos a ponto de colocar em risco toda a sua aspiração religiosa (comandar uma paróquia), uma vez que, ajudando crianças marginalizadas, enfrentaria preconceitos por parte da elite.

[...] Mas o padre José Pedro tinha sido operário e sabia como tratar os meninos. Tratava-os como a homens, como a amigos. E assim conquistou a confiança deles, se fez amigo de todos mesmo daqueles que, como Pedro Bala e o Professor, não gostavam de rezar. (Ibid., p.69)

Percebe-se, na transcrição do fragmento, que o padre tenta resgatar a confiança dos meninos. A forma de tratar do padre faz com que os componentes do bando se sintam pessoas merecedoras de confiança e respeito. A atitude do padre é semelhante a de um protetor que quer livrar o seu protegido do perigo que a vida pode oferecer.

Se, por um lado, o padre José Pedro assume o papel de protetor dos componentes do bando, por vezes até ferindo as leis do clero e contrariando a vontade da classe dominante em nome da proteção dos componentes desse bando, por outro, encontra-se a figura da mãe-de-santo, Don'Aninha, protetora / mãe, também, dos componentes do bando.

Por último Don'Aninha veio aonde estavam os capitães da areia, seus amigos de há muito, porque são amigos da grande mãe-de-santo todos os negros e todos os pobres da Bahia. Para cada um ela tem uma palavra amiga e maternal. Cura doenças, junta amantes, seus feitiços matam homens ruins [...]. (Ibid., p.86-7)

A figura da mãe-de-santo está representada, como já foi citado, em dois planos. Um espiritual, quando os componentes do bando são protegidos das doenças e beneficiados nas curas; e o outro fraternal e maternal. Há laços fortes nessa relação de protegido e protetor. Para ela não há distinção entre os componentes. É a mãe que ama, zela e se preocupa com todos os seus filhos. Há um único amor para todos e para tudo. Amor autêntico ao próximo, aos desvalidos, enfim, há amor, carinho e dedicação para todos os componentes do bando. Ela representa a mãe biológica ausente na vida desses meninos desamparados que convivem em bando e no bando.

Assim, o bando, na sua formação estrutural, possui elementos importantes para ser entendido como família possível porque nele há uma convivência ideologicamente harmoniosa. Lógico que o bando não está estruturado nos moldes da família tradicional, obedecendo às normas sociais, mas a ele compete uma estruturação, tendo como pressuposto: fraternidade, amor e solidariedade entre os seus membros com limites definidos na sua convivência familiar.

Portanto, Jorge Amado, quando retratou o bando na obra *Capitães da Areia*, mostrou a família possível, na qual seus componentes, ainda que precariamente, não deixavam de ser, como em toda família, razão e emoção.

CONCLUSÃO

O problema do menor abandonado foi um problema de ontem e está sendo um problema de hoje. Aparentemente, alguns fatos tomaram direções contrárias em relação à década de 30 até os nossos dias, mas, se for lançado um olhar para a atualidade, ela não esconde verdades. E é através dessas verdades que Jorge Amado conduz o ser humano a uma reflexão social.

Hoje, esses menores proliferam nas cidades, nas favelas, enfim, nas ruas. Alguns são indivíduos de alta periculosidade, que cometem delitos sem nenhum constrangimento, seguros de que estão amparados por lei. É preciso que as leis amparem esses menores, mas paralelamente exista uma parceria entre a sociedade e o governo a fim de que, juntos, possam construir uma nação forte e comprometida com a questão social do seu país, sem precisar existir a “família possível” na vida dos menores de classe baixa.

REFERÊNCIAS

AMADO, J. *Capitães da Areia*. 104. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.